

BASES DA AUDIÇÃO

Notas

Boa audição não é uma questão de memorizar as regras de audição. Se vocês estão preocupados com as regras de audição, algo há de basicamente errado. Segundo a Tese Original, Auditor+Pc maior do que o banco e o auditor está lá para garantir que a audição é consumada, para dirigir a atenção do Pc para que possa confrontar ignotos, para retificar o banco. Quanto menos audição fizerem ou quanto menos audição eficaz fizerem, mais perturbado o Pc ficará. Quando o auditor se senta na cadeira de audição e o Pc se senta na cadeira do Pc, que contraste existe? Muito simples. O Pc senta-se para ser auditado, isto é, para ir em direção a Claro, mesmo que ele não o saiba conscientemente. Ele não está ali para correr quebras de ARC, manejar PTPs ou retificar os seus rudimentos. De facto os ruds saltam fora na medida em que a audição não é consumada. Se usarem toda uma sessão para pôr os ruds dentro, ou se não perderem tempo com isso, pouca ou nenhuma audição é realizada. Algures por aqui fica o tempo ótimo gasto com ruds; digamos, cinco minutos. Se levarmos a maior parte da sessão a meter os ruds dentro, ele ganha o novo PTP de como irá ter audição! Ele não considera os ruds como audição e por isso está fora de sessão. Ele acha que a audição é fazer coisas conducentes a Claro. Por isso a principal chance é auditar o Pc, uma vez chegando à escolha entre audição e algum rud obscuro, onde a sua atenção não está. Para o Pc, auditar é manejar algo em que a sua atenção está fixada, p. ex. o standard escondido, PTPs crónicos, metas, etc. Se manejarem um não mais acabar de quebras de ARC, obtemos mais, porque estamos a criar um PTP, violando o contrato com o Pc. Ele sentar-se-á ali e correrá a Rotina 1A indefinidamente porque está na direção dos seus problemas. Mantenham os ruds dentro, mas não façam deles uma sessão. O Pc protestará fortemente contra manejear os seus PTPs menores; ele atribui um alto valor ao seu tempo de audição e quer usá-lo na direção da meta para Claro. Se um auditor faz uma abordagem positiva, controlada, direta ao assunto, o seu Pc põe as mãos no fogo por ele porque ele audita. Escapar, como filosofia, é um assunto complicado. Tem a ver com a orientação dum auditor e é a única coisa que se pode atravessar no seu caminho enquanto ele segue a Cientologia e vai auditando. Todos os níveis da escala de Pre-hav têm a ver com escapar. Se algum deles está quente ou por esgotar num auditor, teremos um auditor a deixar o Pc escapar porque é o seu modus operandi de manejear situações. É totalmente mal direcionado no que respeita a tornar o Pc Claro. Quando um auditor não controla uma sessão é por aquelas razões. Ele pensa que está a ser simpático para o Pc.

Sob o mesmo título vem a realidade subjetiva de caso, o que é necessário a um auditor. Quando vemos um Cientologista que nunca viu ou passou através dum engrama, nunca colidiu com uma crista, o que nós estamos a ver é uma inconsciência do tempo dos incidentes? Se ele não está consciente dessas coisas, continuará a cometer erros e não há treino que vença isso. Só o conhecimento disso o vencerá. Se ele esteve preso na banda, nunca viu cristas, é porque a sua filosofia básica de vida é escapar. Ele não tem realidade de caso porque está a fugir do seu próprio caso. A sua maneira de manejear um caso é sair dele, por isso é só o que ele faz com um Pc. Por isso o Pc nunca está em sessão. É pura bondade, do ponto de vista do auditor. Uma forma de fazer isto é mudar de processo, outra é fazer Q&A. O auditor com vista curta dá ao Pc “liberdade” a troco de não o tornar claro. O auditor que não tem realidade de caso, dramatiza o engrama em que está preso e do qual está a tentar escapar não o confrontando. Quando entra no engrama, o que ele verá é aquilo para onde olhou a fim de evitar confrontar a dor ou desprazer que ele suprimiu para escapar dele. Ele escapa-se mentalmente. A inconsciência é uma fuga. Ela funciona. Este indivíduo terá somáticos estranhos e dificuldades de que não pode dar

conta. Ele não pode ver as imagens porque está a pôr a atenção na solução: escapar. Todos os mecanismos de not-is estarão aqui presentes. Se ele alguma vez contactar o engrama, será muito brevemente. Ele colocará logo a atenção fora dele. Mas terá um somático de que não faz not-is. Ele está preso em “PT” o que é realmente o fim de todos os seus engramas, por isso mantém o seu Pc em PT todas as vezes, porque o auditor está em PT. Ele não guiará o Pc através do engrama porque escapar é a melhor filosofia.

Existe uma cura direta para isto; é um processo duma injeção que dá a estes auditores uma enorme realidade sobre o que estamos a correr, nomeadamente: “De que ignoto estás a tentar escapar?” Isto desempilha todos esses engramas Not-isado. Estão a correr o inverso de escapar, o que é confronto. Não temos que apagar todo o banco. Basta obter familiaridade com ele.

O mecanismo de escape (evasão) é, claro está, um mecanismo usado pelos theta. Um theta estaria no mau caminho se, quando o seu corpo morre, não pudesse exteriorizar! Não é uma coisa má ser capaz de escapar, mas quando alguém está a escapar compulsivamente, nunca escapará. Escapar como filosofia atravessa-se no caminho da audição. Realidade de caso é necessária no auditor, isto é, disposição a estar lá e dar uma olhada. Uma pessoa que não tem realidade do banco, tem sistematicamente escapado do banco, é claro que faz coisas estranhas em audição. Quando audita um Pc, ou não sabe o que o Pc está a fazer, ou pensa que ele não deveria esta a fazê-lo, por isso não consegue a clarificação. Se vocês, como auditores, puxarem a atenção do Pc para fora do incidente que está a correr, ele fica confuso, fica ali preso, sente-se traído. Poderiam educar aquele auditor até mais não sem produzir qualquer mudança nessa filosofia, a menos que tocassem a própria filosofia. Não se pode educar um auditor que tem essa filosofia a dar uma sessão suave, mantendo o Pc em sessão com a atenção no seu banco. Quando um auditor comete erros sistemáticos, faz montes de Q&A, arranca a atenção do Pc para PT, assumimos que esse auditor tem a filosofia do escape. Não faz qualquer sentido estabelecer leis contra isso. Simplesmente o localizam e manejam.

Da responsabilidade pela sessão:

Segundo a Tese Original, temos a lei: auditor+Pc maiores do que o banco, e Pc menor que o banco. Assim, por exemplo, a auto-audição produz resultados menores na melhor das hipóteses. Apenas remedia a havingness sobre audição. A auto-audição tende a acontecer quando a verdadeira audição é escassa, por exemplo, por ter um auditor cuja filosofia é escapar. Para manejá-lo isto auditem simplesmente. Restabeleçam a confiança do Pc no facto de que ele está a ser auditado e será auditado. Se o Pc não fosse menor que o banco, o banco não lhe daria qualquer problema. Mesmo estando ele a criar o banco, ele criou algo fora de controlo. Alguém que é aberrado é inferior ao banco; alguém que é psicótico é o banco, sendo totalmente avassalado por ele. Reconhecendo que estamos a auditar alguém em certa medida avassalado pelo seu banco e atendendo às leis da Tese Original, devemos observar que o auditor tem que correr o Pc no seu banco a fim de consumar alguma coisa. Quando o auditor foge de fazer isto, ele colapsa de novo o banco do Pc, sobre o Pc. Uma maneira de obter um maior colapso do banco do Pc, é pegar numa diretiva do Pc e segui-la. Existem duas razões para isto:

1. O auditor aceitar diretivas do banco.
2. O auditor subtrair-se a si próprio da inequação.

Para o Pc, é como se apenas ele estivesse a confrontar o banco. Ele perde a ilusão de que o auditor também o está a confrontar, e o seu banco colapsa sobre ele. O Pc está agora em auto-audição. Os Pcs fazem isto devido a uma ansiedade para obter audição. Eles tomam a responsabilidade e tentam assumir o controle. Se aceitarmos uma diretiva do Pc, o seu banco colapsa sobre ele, não importa quão razoável a diretiva possa parecer. É a primeira vez que realmente olhámos para este mecanismo. É o método primário segundo o qual o auditor deixa de ter responsabilidade pela sessão. Isto pode querer dizer que a sessão modelo deve ser rescrita. Está lá para dar a ilusão de cortesia e é tudo. Se o auditor

não quer que o Pc seja vindimado pelo banco, é melhor que ele fique fiel às suas ideias do que deve fazer, não importa quão mal orientadas ou perturbadoras essas ideias possam parecer. Nunca façam o que o Pc diz, não importa quão certo ele possa estar ou quão errados vocês estejam. Se aceitam um conselho dum Pc sobre alguma diretiva que lhe deram, não importa quão disparatada e discordante a vossa diretiva fosse, fizeram um erro crasso e colapsaram o banco do Pc sobre ele.

Podem também fazer o Pc assumir a responsabilidade pela sessão, considerando que os pcs devem fazer tal e tal coisa. Isso torna o Pc responsável, em sessão, pela condição em que se encontra. Isto leva à inequação: (nenhum auditor)+Pc menor do que o banco. Isto é uma falta de conceder ao Pc o seu ser em sessão. É um Pc estar a fazer o que está a fazer e não dever estar a fazer o que está a fazer. (código do Auditor Nº 14) No topo disto, considerações sobre o que o Pc deveria estar a fazer, interrompem a responsabilidade por mandar o Pc fazer algo. Na medida em que as vossas intenções estão revestidas com o que o Pc deveria estar a fazer, ao inspecionar imagens, etc., vocês estão a fazer isto ocorrer. O erro é que em vez de mandar o Pc fazer ou tornar isso no que vocês querem, vocês adicionam a consideração desleal “O Pc deve...”. Isto implica vagamente “não sou responsável”. Isto redunda num banco colapsado.

A forma mais dominante de Q&A é, sempre que o Pc diz alguma coisa, vocês irem atrás dele. Isto permite ao Pc localizar o que vocês deveriam estar a auditar. Você estaria assim a reduzir a vossa responsabilidade e permitiram-lhe escapar à pergunta original. O Pc nunca quer manejar o que vocês querem que ele maneje, mas ele está a fugir desde há triliões de anos, sabendo muito bem que terá que lhe fazer face. Ele só precisa de algum apoio nisso. Isto não quer dizer que tenham que ser totalmente despropositados. Se o Pc quer ir à casa de banho, podem deixá-lo ir. Isso não é uma diretiva de sessão. Mas se quer lá ir outra vez cinco minutos mais tarde, é uma escapada, por isso dizem “Não”.

A invalidação é o avassalamento básico. O Pc diz: “é o meu pai”. Você dizem: “não pode ser!” Podem correr todo um caso provavelmente com: “quem é que foi invalidado?” O que é a morte, doença ou punição senão invalidação? Você estaria a levá-lo a dar um volta ao banco, familiarizando-o. Ele sairá do outro lado sem medo. Não o deixem escapar com ruds ou as suas próprias diretivas sobre o que fazer, etc. Um auditor ganharia, mesmo que ignorando excelentes pontos de tech, se seguisse estes princípios. O Pc tem que se sentir capaz de falar ao auditor, por isso não lhe calem a boca quando ele diz que algo está mal com o processo, ou seja o que for. (Código do auditor Nº16).

Fim das Notas